




## ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – ARTESANATO E TURISMO DE EXPERIÊNCIA

### LOCAL DEVELOPMENT STRATEGIES IN THE HIGH JEQUITINHONHA VALLEY – HANDICRAFT AND EXPERIENCE TOURISM

### ESTRATÉGIAS DE DESARROLLO LOCAL EN EL VALLE SUPERIOR DE JEQUITINHONHA – ARTESANIA Y TURISMO DE PRUEBA

Anderson Bertholi<sup>1</sup>

Cibele Bertholi<sup>2</sup>

 10.21665/2318-3888.v7n14p57-76

#### RESUMO

Espaços como o Vale do Jequitinhonha carregam consigo ingredientes que combinam verticalidades e horizontalidades, sociedade e ambiente, drama e esperança. Nesse sentido, buscamos traduzir o Alto Vale do Jequitinhonha Mineiro enquanto espaço de combinações entre a pobreza no rural – explorada pelas verticalidades da atividade canavieira de São Paulo – e a riqueza do rural – aflorada pelas horizontalidades traduzidas pela arte das “viúvas de maridos vivos” da Comunidade de Coqueiro Campo, em Turmalina. Para isso, utilizamos a perspectiva da formação sócio-espacial para se pensar a espacialidade daquele lugar, ou seja, de que forma ocorrem as interações entre diferentes escalas e, de que forma afloram novos tipos de organizações sócio-produtivas enquanto estratégias de superação de um drama histórico, que intitulamos “externalidades hegemônicas”. A trajetória metodológica contou com pesquisa bibliográfica e coleta de dados primários, através de um trabalho de campo. Cabe destacar que esses movimentos têm contribuído para a manutenção de duas faces do desenvolvimento local, uma atrelada à transferência garantida e minguada de renda das atividades de colheita da cana, e outra, da transformação do barro em arte nas “Bonecas do Vale”, carregadas do mineral e do drama da região. Esse artesanato, entendido aqui como o *terroir* do Alto Vale, tem impulsionado o turismo a partir da hospedagem solidária e da vivência com as práticas de coleta e manipulação do barro. Peças e histórias que já conquistaram reconhecimento internacional e têm contribuído para o resgate da esperança e para a formação de importante fatia de renda às famílias camponesas-artesãs.

**Palavras-chave:** Vale do Jequitinhonha, Artesanato, Terroir e Turismo, Desenvolvimento Local.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela UFSC. Professor de Geografia Agrária do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1057-1651>. E-mail: [andibertholi@gmail.com](mailto:andibertholi@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade de Estadual de Montes Claros – Unimontes. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6536-8816>. E-mail: [cibelebertholi@gmail.com](mailto:cibelebertholi@gmail.com).

## ABSTRACT

Spaces like the Jequitinhonha Valley carry with ingredients that combine uprightness and horizontality, society and environment, drama and hope. In this sense, we seek to translate the High Jequitinhonha Valley as combinations of space between the poverty in the rural - exploited by the uprightness of the sugarcane industry of São Paulo - and the wealth of the valley - driven by horizontalities translated the art of husbands of widows living Community Coqueiro Campo, municipality of Turmalina. For this, we use the perspective of socio-spatial formation, as a method of choice, to think *espaciología* that place, that is, how they occur interactions between different scales and how new types of socio-productive organizations flourish as strategies for overcoming a historical drama, driven by what we call "hegemonic externalities". The methodological tray is based on a bibliographical investigation and the compilation of primary data through fieldwork. It should be noted that this movement has contributed to the maintenance of two faces of the local development, linked to guaranteed and dwindling cash transfer of cane harvesting activities, and other, more recent, which is response and cry, the transformation of clay in art in the "Valley of the Dolls", loaded the mineral and drama, particular in the area. This craft, understood here as the *terroir* of the Upper Valley, has driven tourism from the joint hosting and the experience with the practices of collection and handling of clay. Plays and stories that have won international recognition and have contributed to the rescue of hope and for the formation of large share of income to peasant-artisan families.

**Keywords:** Jequitinhonha Valley, Crafts, Terroir and Tourism, Local Development.

## RESUMEN

Espacios como el Valle del Jequitinhonha llevan con ingredientes que se combinan verticalmente calidades y horizontalidad, la sociedad y el medio ambiente, el drama y la esperanza. En este sentido, buscamos una traducción del Valle superior de Jequitinhonha como combinaciones de espacio entre la pobreza en las zonas rurales - explotado por los montantes de la industria de la caña de azúcar de Sao Paulo - y de la riqueza regional - aflorado por las horizontalidades traducido el arte de "viudas de maridos vivo" "Comunidad de Coqueiro Campo", municipio de Turmalina. Para ello, se utiliza la perspectiva de la formación socio-espacial, como método de elección, para pensar la *espaciología* ese lugar, es decir, cómo se producen las interacciones entre las diferentes escalas y cómo los surgen nuevos tipos de organizaciones asociadas productivas mientras que las estrategias de supervivencia de un drama histórico, impulsado por lo que han titulado "externalidades hegemónicas". La trayectoria metodológica se basó en una investigación bibliográfica y la recopilación de datos primarios a través del trabajo de campo. Cabe señalar que este movimiento ha contribuido al mantenimiento de dos caras del desarrollo local, vinculada a la disminución garantizada y transferencia de efectivo de las actividades de cosecha de caña, y otra, más reciente, que es la respuesta y llorar, la transformación de la arcilla en el arte en el "valle de las muñecas", cargado el mineral y drama, en particular en la zona. Esta arte, entendida aquí como el *terroir* del Alto Valle, ha impulsado el turismo desde el alojamiento conjunto y la experiencia con las prácticas de recolección y manejo de la arcilla. Obras de teatro y cuentos que han ganado el reconocimiento internacional y han contribuido al rescate de la esperanza y para la formación de gran parte de los ingresos a las familias de campesinos-artesanos.

**Palabras clave:** Valle de Jequitinhonha, manualidades, Terroir y Turismo, Desarrollo Local.

## Introdução

A palavra *Terroir* tem origem francesa e não tem tradução para outro idioma. Segundo o Dicionário Reverso, refere-se a uma região rural de acordo com sua produção agrícola, estilo de vida, cultura, etc.; algo original relativo ao solo, a terra, ao terreno, a um país, uma região (TERROIR, 2019).

As interações entre os atores e seus lugares carregam consigo diferentes intencionalidades, determinadas pelos mais variados (e muitas vezes escusos) interesses. Nesse contexto é que pensamos o espaço de ingredientes que combinam a materialidade indispensável à manutenção da vida, e as subjetividades das relações necessárias à manutenção da esperança.

Nessa perspectiva, inserimos a Comunidade de Coqueiro Campo, encravada no Alto Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, que tem despontado como exemplo de organização social, graças à força do trabalho coletivo e do empoderamento feminino.

Não obstante, tal movimento se atrela às verticalidades implementadas por um modelo opressor, que há 30 anos tem ceifado as famílias de camponeses ao submeter a mão de obra local às determinações do poder hegemônico, a partir da arregimentação do trabalho para a colheita da cana. Esse atrelamento tem conduzido a um movimento paradoxal, uma vez que estabelece a dependência daqueles lugares por uma renda garantida, porém minguada, que impõe um ritmo de desenvolvimento econômico lento, e por outro lado, forja uma rearrumação dos núcleos das famílias, cujo papel da mulher se destaca como líder e produtora de renda extra.

Doravante, o ambiente hostil do Vale do Jequitinhonha é, também paradoxalmente, espaço para esse empoderamento, através da sua geografia, das suas riquezas minerais, do solo, do barro que vira arte e anuncia o drama em forma de espetáculo. As limitações hídricas associadas às longas estiagens são, sem dúvida, obstáculos ao desenvolvimento regional e local, porém não podem ser encaradas como limitadoras de outras dimensões do desenvolvimento.

Não obstante, a discussão sobre o conceito de “desenvolvimento” tem tido lugar de destaque no debate acadêmico, sobretudo após as novas considerações do economista

Amartya Sen acerca do desenvolvimento como “ampliação de liberdades”, que contesta a perspectiva reducionista de desenvolvimento sob a ótica do crescimento do PIB e da renda, simplesmente.

Essa noção limitada é exatamente o objeto dessa discussão, da negação de um desenvolvimento humano, histórico e cultural imensurável, que, no caso específico desse lugar, também é libertador. Destacar essa cultura que gera renda e desenvolvimento de fato, para quem vive no e do Vale do Jequitinhonha.

Portanto, as liberdades denominadas como “instrumentais” por Sen (liberdades políticas, econômicas, sociais, garantias de transparência e segurança protetora) têm a capacidade de ligarem-se umas às outras contribuindo com o aumento e o fortalecimento da liberdade humana de modo geral. Atenta-se particularmente para a expansão das “capacidades” das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam. Essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, por outro lado a direção da política pública pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas do povo.

É nesse contexto que se localiza Coqueiro Campo, uma comunidade que pertence ao município de Turmalina, no Alto Vale do Jequitinhonha e dista 22 km da sede do município de Minas Novas, no estado de Minas Gerais, com quem estabelece relações socioespaciais mais próximas, porque históricas. Comunidade que vem ganhando espaço na grande imprensa nacional e internacional pela originalidade do seu artesanato em cerâmica.

A migração sazonal de trabalhadores rurais escancara um problema grave de todo o Vale do Jequitinhonha, que é a escassez de postos de trabalho e a ineficiência de políticas públicas que efetivamente gerem renda na região, o que não é diferente na comunidade de Coqueiro Campo. Todavia, esse quadro depressivo vem sendo paulatinamente transformado, graças às lutas pela valorização da cultura local.

Dessas lutas nasceram várias conquistas impulsionadas por lutas individuais de um povo aguerrido. Em tempo, o Vale do Jequitinhonha já é entendido como uma rica zona cultural, devido às suas diversas manifestações: folclore, conjuntos arquitetônicos e históricos e a produção artesanal, em palha, bambu, madeira, algodão e cerâmica, sendo

essa última, a mais representativa e reconhecida. O artesanato de cerâmica pode ser encontrado em museus, exposições, centros culturais, assim como em lojas especializadas em arte popular em todo o mundo.

Por este motivo, os reflexos que essa dinâmica tem causado no seio das famílias, em especial das mulheres e dos filhos e filhas destes homens, ainda requerem outras análises no que se refere à reprodução social dos atores que têm na sua formação humana esse ingrediente dramático.

Neste contexto, esta pesquisa teve como foco descrever as estratégias encontradas pelas chamadas “viúvas de maridos vivos” ou “viúvas da seca”, para enfrentarem as dificuldades na geração de renda. Da forma que encontraram de produzirem artesanato original, combinando técnicas apuradas e matéria-prima peculiar, de uma geografia singular da comunidade, aqui traduzida como *terroir*.

Nessa perspectiva, trazer as nuances do Vale do Jequitinhonha para dentro do debate acadêmico significa desvelar essas peculiaridades e, por extensão, criar outras possibilidades para aquela região a partir destes atores que poderão pensar de forma ordenada suas próprias experiências e sobre a dinâmica sócio espacial desta parte do Brasil, significando esperança para um grupo mais ampliado de pessoas.

### **Da cana...**

Uma Mesorregião com cerca de 62,9 mil km<sup>2</sup>, na qual vivem aproximadamente 977,8 mil pessoas — de acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), com um Produto Interno Bruto (PIB) que corresponde a menos de 2,0% da riqueza bruta do estado de Minas Gerais.

Quando se fala em Vale do Jequitinhonha logo se faz associação aos baixos índices sócio- econômicos, aspecto que o senso comum levou a categorizar essa região brasileira como “vale da seca”.

O movimento da população pelo espaço é tema amplamente discutido pelas ciências humanas. Destaque para o olhar que a Geografia traz para as dimensões que envolvem as migrações em múltiplas escalas. Especificamente, o movimento temporário de

grandes contingentes em busca de trabalho aqui é entendido como transumância. Nesse sentido, Ghizzo e Rocha (2008, p. 106) corroboram que,

[...] as variações de mobilidade podem ser de duas formas: temporal e espacial. [...] Na maioria dos casos, ambas estão vinculadas à questão econômica, mais precisamente do trabalho. Algumas, como é o caso das migrações de transumância, já antecipadamente referem-se à dimensão temporal.

Notadamente, o corte de cana é uma das atividades mais duras que existem no campo. No Brasil, o cultivo da cana-de-açúcar caminha junto com a história do país. As plantas originárias da Ásia foram introduzidas pelos colonizadores portugueses no início do século XVI e se espalharam por terras litorâneas principalmente da região nordeste. Hoje é no interior de São Paulo onde existe a maior concentração de áreas produtivas.

O cultivo da cana-de-açúcar tem passado por muitas transformações nos últimos anos, especialmente no que se refere ao perfil do trabalhador dos canaviais, com o advento da mecanização. Mas as longas jornadas, o calor intenso e o desgaste físico ainda fazem parte da rotina dos trabalhadores do corte manual da cana-de-açúcar.

Esses cortadores de cana começam a trabalhar um pouco antes de o sol nascer e só param quando a luz do dia termina, em jornadas que chegam a doze horas diárias. Ganham por tonelada colhida e por isso replicam as horas de trabalho na ânsia de ganhar um pouco mais por mês, visando sustentar os sonhos de uma vida melhor.

Segundo a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo, os valores da tonelada de cana cortada variavam, em 2013, entre R\$ 3,80 e R\$ 4,00. Outros dados, da mesma federação, calcularam somente no estado de São Paulo, cerca de 200 mil trabalhadores neste setor, oriundos do Norte e Nordeste do Brasil, Norte de Minas Gerais e, principalmente do Vale do Jequitinhonha (FETAESP, 2013).

Nos meses de março e abril, esses milhares de trabalhadores rurais do Vale do Jequitinhonha protagonizam a saga das migrações sazonais, numa transumância de milhares de homens rumo às usinas de cana de açúcar. A praça central da pequena cidade de Minas Novas (Alto Vale do Jequitinhonha) é palco de uma cena comovente que se repete a cada ano, onde dezenas de ônibus vão se enfileirando em meio à esperança de milhares de trabalhadores com suas bagagens cheias de requeijão e

quitanda preparadas carinhosamente pelas mães e esposas, sob os olhos chorosos dos filhos e filhas prestes ao abandono paterno.

Esse movimento de trabalhadores rurais escancara um problema grave de todo o Vale do Jequitinhonha que é a escassez de postos de trabalho e a ineficiência de políticas públicas que efetivamente gerem renda na região. Esses fatores já foram e são amplamente discutidos pela literatura acadêmica.

**FOTO 1** – Saída dos “cortadores de cana” da praça central do município de Minas Novas – MG.



**Fonte:** Solon Queiroz/esp. EM (2017).

Doravante, os reflexos que essa dinâmica tem causado no seio das famílias, em especial nos filhos e filhas destes cortadores, demanda outras análises no que se refere às estratégias de reprodução social destes atores. Assim,

A mobilidade espacial de trabalhadores é característica essencial do mercado de trabalho do Complexo Agroindustrial Canavieiro. A primeira década do século XXI foi marcada por importante expansão do complexo, o que implicou no aumento da mobilização de trabalhadores originários de algumas das

regiões mais pobres do Brasil. A compreensão dessa modalidade migratória envolve analisar suas dimensões essenciais (origens, motivações, arranjos familiares e domiciliares, além da questão das redes) que, articuladas, expressam as suas especificidades temporais e espaciais, caracterizando seus significados no momento histórico atual da sociedade e da economia brasileiras. (OLIVEIRA, 2015).

Neste contexto, pode-se asseverar que todo o espaço do Vale do Jequitinhonha tem no seu ritmo de desenvolvimento a marca deste paradoxo, da *verticalidade* imposta pelo poder hegemônico que arregimenta mão de obra desvalorizada, porque foi historicamente estigmatizada, e das *horizontalidades* que são uma resposta a essa imposição, de forma que as mulheres, viúvas-de-maridos-vivos, encontram na geografia do lugar, espaço para a inventividade, apoderando-se de estratégias peculiares de desenvolvimento.

Minas Novas e Turmaina são municípios do Alto Vale do Jequitinhonha, com 30.803 e 19.055 habitantes respectivamente (IBGE, 2010), que vivem basicamente da agricultura de pequenos produtores e da renda complementar das atividades de escala como o reflorestamento de eucalipto.

Outra fonte de renda, historicamente presente no lugar é o trabalho braçal de corte de cana, que importante parcela da população masculina se dedica ao longo de mais de sete meses ao ano, nas fazendas do interior de São Paulo, principalmente.

### FOTO 2 – Órfãos da Cana



Fonte: Os autores (2017).



Como resposta a essa limitação de renda, o artesanato local vem ganhando força nas últimas décadas, significando esperança de melhoria nas condições de vida de inúmeras famílias naqueles lugares. São esses os atores de destaque que tecem a trama destas relações sócio espaciais que, por ora, buscamos problematizar.

Nesse sentido, apontar o cotidiano dessas cidades que têm marcado na sua história os impactos sociais e econômicos da saída de trabalhadores do sexo masculino é, sob o ponto de vista da pesquisa científica, trazer a realidade vivenciada pelas filhas, filhos e esposas desses cortadores às indagações acerca do seu contexto de vida, dos benefícios e angústias que marcaram e marcam a sua formação humana e sua reprodução social, bem como os reflexos desse movimento na organização sócio espacial local-regional.

Assim, a pesquisa local sobre a relação desse movimento com a organização sócio espacial do município é de fundamental importância para o entendimento dos fatores que conduzem as principais práticas do cotidiano de grande parte da população do Vale.

Esse e demais estudos devem, portanto, possibilitar a construção de uma análise crítica sobre essa dinâmica que se tornou “natural” para parte dos atores envolvidos, permitindo assim que um “outro olhar” possa pensar os reflexos decorrentes desta dinâmica, por um ângulo mais atento e sensível às transformações impostas ao espaço e ao tempo das relações locais e regionais então estabelecidas. Análise essa que, inevitavelmente conduz às imposições do poder hegemônico pela territorialização do monopólio (OLIVEIRA, 1999, p. 12), que se apodera do estigma para legitimar a superexploração do trabalho, garantindo o lucro e o seu triunfo n’outras escalas.

Através do contexto social, dos dados estatísticos e das transformações na paisagem local ficam evidentes as variadas dimensões do referido processo, como reflexos espaço-temporais impostos por um movimento de essência dialética.

### **...ao Barreiro.**

Nós mulheres às vezes não sabemos o valor que temos, e se nós mesmas não reconhecemos esse valor fica difícil que outras pessoas reconheçam. Isso é “empodimento”! [...] Mulher é a luz do lar, [...] muitas vezes escravizada, [...] resistente deste vale, pelas dores, carregada. (DEUZANI GOMES, artesã).

Foi com essas palavras que, em seis de dezembro de 2015, um dos ícones do artesanato do Vale do Jequitinhonha chamou à atenção do público em geral em um programa popular da televisão brasileira. Chamada romanticamente pela apresentadora de “lugar que não tem homens”, não escancara por completo a árdua luta de mulheres que não tiveram outro caminho a percorrer, senão atentar-se ao que o ambiente local lhes permitia de imediato, como fonte de renda e sobrevivência.

Em alusão a Lèvi-Strauss (1985, p. 33), quando discorre, “Cabe à mulher a cerâmica, pois a argila que são feitos os potes é fêmea como a terra e, em outras palavras, tem alma de mulher”. Ainda,

Mãe-Terra, Avó argila, Senhora da argila e dos potes de barro, [...] no Vale do Jequitinhonha, também chamado de Vale da Morte ou Vale da Fome, a Mãe-Terra tem dono, [...] é pago com dias de trabalho na roça do proprietário. O Vale já foi conhecido pelas pedras preciosas, mas talvez a maior riqueza seja a argila, rica em caulim, feldspato, cianita, pois as pedras preciosas só deixaram pobreza. Nesse lugar onde a população feminina tem resistido aos períodos de seca tirando o sustento da família das peças de cerâmica, tudo é feito de barro – as casas, os fornos, as panelas e as tintas. [...] As ceramistas contam ‘que da terra seca onde não nasce nem um pau de flor, começaram a brotar belas bonecas’ (REBOLLO *apud* DALGLISH, 2006, p.12).

Numa perspectiva dialética do desigual e combinado, a mesma terra que expulsou os maridos trouxe esperança pelo artesanato. Da terra seca as mulheres encontraram a matéria-prima de vasilhas, panelas e potes e futuramente bonecas, animais e objetos de decoração. Um conhecimento que atravessou gerações, transmitido de mãe para filha e agora, mais recentemente, para os filhos e maridos expulsos pela mecanização do corte da cana.

No início os produtos fabricados eram utilitários, e muitas vezes nem eram vendidos, mas trocados em feiras por alimentos. O caminho era árduo, mães e filhas peregrinavam de madrugada com as peças, a pé ou de burro, para pegar o caminhão que as levaria à cidade de Capelinha. A artesã Anísia lembra bem desse tempo, e assevera:

A gente levava na carroceria do caminhão. Arrumava nos balaio, levava às vezes na cabeça lá de Campo Alegre até no asfalto, pra pegar o caminhão. O caminhão passava lá de madrugada (ANÍSIA LIMA DE SOUZA<sup>3</sup>, artesã).

Ainda, segundo a artesã Deuzani, também de Coqueiro Campo, essa rotina durava a semana inteira, até chegar ao sábado, dia de comercializar as peças.

Segunda tirava o barro, socava amassava, tinha que produzir tudo na semana. Sexta queimava. Tirava de madrugada mesmo, embalava com capim, folha de banana. Aí punha nesse saco de fibra, punha na cabeça e ia embora. Chegava em Capelinha e trocava as coisas: feijão, café, verdura. Chegava em casa tinha que arrumar a casa. Domingo as vezes a gente saía, passeava, ia no forró. Mas segunda, seis horas da manhã, começava tudo de novo (DEUZANI GOMES, artesã).

Algo que não aconteceu de maneira fácil, mas devido à perseverança e coragem de verdadeiras guerreiras de mãos fortes e corações gigantes. As mulheres protagonistas do Jequitinhonha vivem basicamente da agricultura familiar, da renda minguada proveniente do corte de cana e, mais recentemente, da arte da cerâmica. Esta é a representação da força do *empoderamento*, traduzido aqui com o “novo desenvolvimento” que amplia as liberdades das “viúvas de maridos vivos” e de toda a família e comunidade, por consequência, através das bonecas de barro.

Essa problematização da geografia na comunidade de Coqueiro Campo (Mapa 1) é, sob o ponto de vista da pesquisa científica, um exercício de valoração de uma dialética que envolve sofrimentos e conquistas vivenciados por um grupo de mulheres que assume forçadamente a reprodução social daquele lugar. Permite o mergulho em uma análise crítica sobre esse movimento de lutas e conquistas pelas adversidades e potencialidades do espaço geográfico, tendo como consequência, um “outro olhar” que possa pensar os reflexos decorrentes desta dinâmica, um olhar mais atento e sensível às transformações impostas a este espaço e ao tempo das relações sociais locais e regionais estabelecidas. Assim, faz compreender como a evolução dos processos técnicos e tecnológicos permitiram superar as limitações do ambiente, criando um produto genuíno, de

---

<sup>3</sup> Moradora da Comunidade Campo do Buriti, a 10 quilômetros de Turmalina, tem três filhos e seu marido trabalha a 400 km de distância da comunidade.

inestimável valor cultural e importante fonte de renda para as famílias do Vale do Jequitinhonha, e descobrir enfim o *terroir* de cada uma dessas comunidades.

### **Verticalidades provocam horizontalidades: uma lógica do desenvolvimento peculiar do Alto Vale do Jequitinhonha**

Distantes dos centros urbanos, as comunidades rurais dos municípios de Minas Novas e Turmalina possuem uma importância fundamental para a economia local, uma vez que abrigam, respectivamente, importante fatia da população residente.

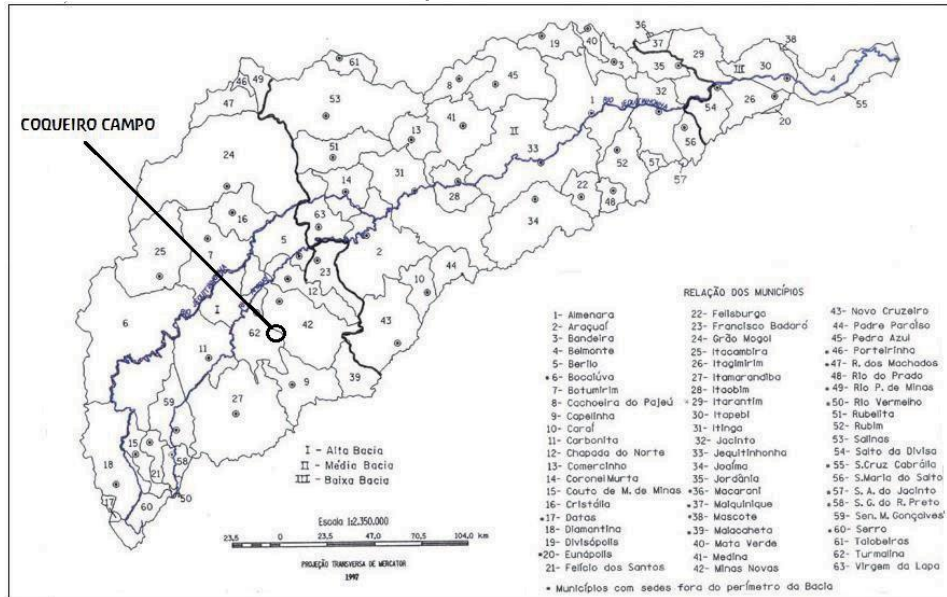
Coqueiro Campo é distrito de Turmalina, e já fez parte do território de Minas Novas. É uma dessas comunidades rurais, cujo papel do camponês marca o modo de vida local (Mapa 1).

Cercada pela plantação de eucalipto, essa comunidade, distante cerca de 20 Km da sede do município se destaca pela organização das artesãs que assumiram o protagonismo social diante das imposições históricas do poder hegemônico, pela exploração do trabalho pelas usinas de álcool e açúcar do interior de São Paulo, principalmente.

As características ambientais daquela comunidade combinam a aridez do Vale com suas potencialidades minerais; destaque para o barro/argila que é manipulado e se transforma em arte que traduz de maneira original o *modus vivendi* e a luta *sui generis* do Vale.

Não obstante, esses mesmos municípios possuem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, segundo dados do Relatório do Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, publicado em 2014. Minas Novas apresenta um IDH de 0,633 e Turmalina um IDH de 0,682, próximo de índices como o da Bolívia (0,674) e Iraque (0,649), abaixo da média nacional (0,754) e mineira (0,731), o que denota limitações com relação à formação da renda média nestas cidades.

## MAPA 1 – Localização da Comunidade de Coqueiro Campo/Turmalina – Vale do Jequitinhonha



Fonte: Organizado pelos autores (2018).

Sustenta-se aqui o entendimento de que a transferência de renda minguada, imposta pela economia de monopólio – com destaque para a arregimentação do trabalho local para o corte de cana – é o ingrediente que impõe uma marca à história recente do lugar, estigmatizando-o como “vale da seca” ou “vale da miséria”.

Sem dúvida, o poder hegemônico encontra nesse lugar campo fértil para impor-se enquanto verticalidade, uma vez que “Nas atuais condições, os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores” (SANTOS, 2006, p.192).

Cidades como Minas Novas e Turmalina surgem como pontos descontínuos, onde as relações se dão pelas iniciativas do poder hegemônico que cria e recria cenários que satisfazem seus interesses imediatos, tendo, especificamente no Vale do Jequitinhonha, esse cenário atrelado ao estigma da seca e à desvalorização do trabalho como estratégia para sua superexploração. Nesse sentido, cabe ressaltar que,

As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos

outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. É a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas (SANTOS, 2006, p.192).

Nessa perspectiva é que se assenta a seguida análise, ou seja, de considerar os fatores que são externalidades e aqueles que são, também por consequência, internalidades da dinâmica do desenvolvimento local. Com maestria, Milton Santos ainda ressalta que,

Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente (SANTOS, 2006, p.192).

Sustenta-se aqui o entendimento de que a imposição das verticalidades traz pela transferência da já citada renda minguada, um ritmo lento às transformações que reestruturam e melhoram o espaço de vida dos que vivem nas áreas mais vulneráveis, com destaque para a área rural desses municípios.

Portanto, como modernização, o processo de arregimentação de mão de obra e a sua consequente garantia de renda, não traz benefício de fato, mas basicamente cria uma dependência que se impõe como única alternativa e que é garantia de ampliação do lucro em outra escala.

Paradoxalmente, o mesmo movimento provoca a necessidade de reorganização, sobretudo por causa do fator sociológico de desnucleação das famílias e a assunção da mulher como protagonista de todo o processo. Doravante,

A tendência atual é no sentido de uma união vertical dos lugares. Créditos internacionais são postos à disposição dos países e das regiões mais pobres, para permitir que as redes se estabeleçam ao serviço do grande capital. Nessa união vertical, os vetores de modernização são entrópicos. Eles trazem desordem aos subespaços em que se instalam e a ordem que criam é em seu próprio benefício. E a união vertical – seria melhor falar de unificação – está sempre sendo posta em jogo e não sobrevive senão à custa de normas rígidas. Mas os lugares também se podem refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo. [...] Com a especialização funcional dos subespaços, há tendência à geração de um cotidiano homólogo graças à interdependência que se estabelece horizontalmente. A partir de uma atividade comum, a informação necessária ao trabalho difunde -se mais fácil e rapidamente, levando ao aumento local da produtividade. [...] Pode-se dizer, também, que esse cotidiano homólogo leva a um aumento da eficácia política.

A informação tornada comum não é apenas a das técnicas de produção direta, mas tende também a ser a das técnicas de mercado. Os mesmos interesses criam uma solidariedade ativa, manifestada em formas de expressão comum, gerando, desse modo, uma ação política. [...] é um movimento pelo qual as forças oriundas do local, das horizontalidades, se antepõem às tendências meramente verticalizantes (SANTOS, 2006, p.194-195).

É esse cenário que encontramos na Comunidade de Coqueiro Campo, espaço de desdobramento entre a imposição, que é *Verticalidade*, é hegemonia, é superexploração e a *Horizontalidade* que é resposta, contra-hegemonia, libertação e desenvolvimento como ampliação das liberdades dos atores locais.

**FOTO 3** – Assunção do protagonismo pela mulher do Vale do Jequitinhonha



**Fonte:** Os Autores (2017).

Essa ação política pode, em muitos casos, ser orientada apenas para um interesse particular e específico, frequentemente o da atividade hegemônica no lugar. Mas este é apenas um primeiro momento. As atividades que, complementares ou não, têm uma lógica diversa da atividade dominante, provocam, a partir do seu conflito de preocupações, um debate que acaba por interessar ao conjunto da sociedade local. E o resultado é a busca de um sistema de reivindicações mais abrangente, adaptado às contingências da existência comum, no espaço da horizontalidade (SANTOS, 2006, p.195).

Portanto, um movimento que se impõe e estabelece uma ordem pela necessidade, básica e urgente que os atores imediatos se veem envoltos, mas que, pela essência dialética estabelecem novas formas como estratégia para a manutenção da vida e da esperança, além é claro de buscarem outras e melhores materialidades.

### **O desenvolvimento local pelo turismo de experiência**

O movimento histórico em torno do turismo no Vale do Jequitinhonha, mais especificamente no circuito dos municípios de Minas Novas, Turmalina e Capelinha, recorte espacial desta pesquisa, teve impulso na década de 1970, com a criação da Codevale – Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha – que motivou a venda das peças do artesanato local para fora das fronteiras do vale, divulgando por consequência a cultura regional.

Uma pesquisa-ação do Iepha – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – envolvendo historiadores e antropólogos, concedeu ao artesanato do Vale do Jequitinhonha o título de Patrimônio Imaterial de Minas, em 2017. Ainda, segundo dados divulgados pelo Jornal Estado de Minas, em dezembro de 2018, houve um crescimento econômico envolvendo o turismo de experiência nos limites entre o Alto e Médio Jequitinhonha, num evidente movimento de valorização dos saberes e fazeres produzidos predominantemente pelas mulheres.

Este reconhecimento vem confirmar a importância dessas práticas como opção de renda e estratégia peculiar ao desenvolvimento local. Tal movimento conduziu ainda à profissionalização da atividade, uma vez que empresas do setor já oferecem pacotes que incluem a vivência com as famílias que lidam com o barro, além da participação na extração da matéria prima e na produção de peças, por parte dos visitantes.



**FOTO 4** – Artesã Deuzani orientando a experiência de manipulação do barro



**Fonte:** Duek (2018).

Quem adquire estes pacotes pode ainda se hospedar na casa das artesãs para acompanhar de perto toda a rotina.

**FOTO 5** – O turismo de experiência no Alto Vale do Jequitinhonha



**Fonte:** Vivejar (2018)

Na Comunidade de Coqueiro Campo/Campo Alegre, em Turmalina, existem também casos como os da artesã Maria José Gomes da Silva, a Zezinha, que transformou a sua casa em um “Museu a céu aberto”. O espaço reúne peças de uma das referências da arte com o barro no Vale do Jequitinhonha e recebe turistas de todo mundo. Ulisses Gomes dos Santos, companheiro da artesã e oriundo do corte da cana, hoje é responsável pelo agendamento das visitas, pela encomenda das peças e pela coleta e transporte do barro para produção.

### **Considerações finais**

O Vale do Jequitinhonha é uma mesorregião mineira estigmatizada por ser um ambiente árido e com limitações hídricas. Esse estigma favorece as *verticalidades* que encontram terreno fértil para se instalarem, não recebendo, de modo geral, resistência dos atores locais, que se mantêm sob o controle e poder a partir de garantias mínimas como a renda minguada do corte da cana, por exemplo.

Ainda, esse movimento impõe ordem pela *verticalidade* e desordem na *horizontalidade* uma vez que ceifa os núcleos das famílias que têm o afastamento sazonal de parte importante da sua força de trabalho. Não obstante, a desordem chama para uma reorganização social, cujo protagonismo feminino se assume como estratégia para a garantia da reprodução social de lugares como Coqueiro Campo, município de Turmalina, no Alto Vale do Jequitinhonha.

As limitações do ambiente não podem ser ignoradas enquanto intensificação da pobreza real, mesmo que se admita a ausência do Estado como condicionante principal. Dialeticamente, o mesmo ambiente disponibiliza o barro/argila para remodelar a aridez e transformá-la em arte e renda.

Assim, considera-se que as “viúvas de maridos vivos” se transformaram em artífices de um desenvolvimento local que ampliou e amplia, a cada dia, as liberdades das famílias camponesas do Vale do Jequitinhonha, em outro tempo, dependentes do poder hegemônico que se impôs historicamente como territorialização do monopólio

(OLIVEIRA, 2001, p. 30), usou do estigma para se beneficiar da desvalorização do trabalho e garantir assim suas margens de lucro através da superexploração.

Conclui-se assim que, dadas as condições pelo Estado, os atores locais, que são os usuários imediatos do lugar, mediatizados pelas condições físicas que os circundam, podem assumir o protagonismo através da inventividade, transformando as limitações em oportunidades, através do desvelamento das suas liberdades individuais em resposta às imposições das externalidades hegemônicas, que não têm compromisso com o desenvolvimento pelas *horizontalidades*.

Assim, a profissionalização do turismo de experiência traz novos ares para esse movimento ascendente de desenvolvimento local, cujo empenho das mulheres protagonizam cenas que valem a visita ao Vale.

## Referências

DALGLISH, Lalada. **Noivas da seca:** cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha. Editora UNESP, São Paulo, 2006.

DUÉK, Ana. **Uma viagem pelo ser-tão feminino no Vale do Jequitinhonha.** Viajante Comunitário. Viajar Verde – turismo sustentável, 14 jan. 2018. Disponível em: <https://viajarverde.com.br/ser-tao-feminino-no-vale-do-jequitinhonha/>. Acesso: 20 dez. 2019.

FETAESP. **Federação dos trabalhadores da agricultura do estado de São Paulo.** 2013. Home page. Disponível em: <http://www.fetaesp.org.br/novo/>. Acesso em: 20 dez. 2109.

GHIZZO, Márcio Roberto; ROCHA, Márcio Mendes. Contextualização dos estudos de mobilidade da população nas Ciências Humanas. **Espaço Plural**, ano 9, n. 18, 1. sem. 2008, p. 101-110.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Oleira Ciumenta.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Território e Migração:** discussão conceitual na Geografia. São Paulo: USP, 1999. (Mimeo.).

OLIVEIRA, Ricardo Antunes Dantas de. Mobilidade espacial dos cortadores de cana: dimensões e significados recentes. In: O Mundo do Trabalho. **Revista Pegada.** Vol 16 – n.1. Unesp, 2015.

RIBEIRO, Luiz. **Órfãos da cana' repetem roteiro dos pais e partem para SP em busca de sustento.** Estado de Minas. Economia, 15 abr. 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/04/15/internas\\_economia,951762/orfaos-da-cana-repetem-roteiro-dos-pais-e-partem-para-sp-em-busca-de.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/04/15/internas_economia,951762/orfaos-da-cana-repetem-roteiro-dos-pais-e-partem-para-sp-em-busca-de.shtml). Acesso em: 15 out. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço** – técnica e tempo, razão e emoção. EDUSP, São Paulo, 2006.

TERROIR. In: DICIONÁRIO REVERSO. 17 out. 2019. Disponível em: <https://dicionario.reverso.net/frances-definicao/terroir/forced>. Acesso em: 17 out. 2019.

VIVEJAR. **Do Barro à Arte + Diamantina. Vale do Jequitinhonha.** [2018 ou 2019]. Disponível em: <https://vivejar.com.br/pt/roteiro/do-barro-arte-com-diamantina/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

WERNECK, Gustavo. **Artesanato do Vale do Jequitinhonha se torna patrimônio imaterial de Minas:** momento histórico ocorreu após votação unânime do Conep. Artistas participaram do ato de reconhecimento na sede do Iepha-MG. Estado de Minas, 20 dez. 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/12/20/interna\\_gerais,1014883/artesana-to-do-vale-do-jequitinhonha-se-torna-patrimonio-imaterial.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/12/20/interna_gerais,1014883/artesana-to-do-vale-do-jequitinhonha-se-torna-patrimonio-imaterial.shtml). Acesso em: 15 out. 2019.

*Recebido: 15.10.2019*  
*Aprovado: 30.11.2019*